

Fernando Pessoa

[Carta a Ophélia Queiroz — 22 Mar. 1920]

Meu Bebé-anjinho:

Não tenho muito tempo para te escrever, nem havia, na verdade, amorzinho mau, muita coisa que dizer-te, que eu não te diga amanhã muito melhor em conversa, no tempo, infelizmente curto, que dura o percurso da Rua do Arsenal até à casa da tua irmã.

Não quero que te rales; quero ver-te alegre, como é de teu feitio seres. Prometes não te ralar — ou fazer o possível por não deixares que te ralem? Tu não tens razão nenhuma para te ralar, acredita.

Olha, Bebezinho. . . Nas tuas promessas pede uma coisa, que em tempos me pareceu duvidosa, por causa da minha fraca sorte, mas agora me parece mais, muito mais possível. Pede que o snr. Crosse acerte no alvo de um dos prémios grandes — um dos prémios de mil libras a que concorreu. Não calculas a importância que para nós ambos teria se isso acontecesse! E olha, desde que vi, no jornal inglês recebido hoje, que ele já ia na altura de *uma libra* (e acabo de verificar que foi num concurso onde as graças dele não foram muito boas), tudo se torna possível. Ele fica, agora, *número 12* em cerca de 20000 (vinte mil) concorrentes. Será impossível que ele um dia chegue a nº1? Ah, se isso acontecesse, amorzinho, e fosse num dos concursos grandes (mil libras, e não trezentas só, que não adiantava nada)! Tu compreendes?

Vim há pouco da Estrela, de ver o 3º andar dos 70.000 reis. (Para dizer bem, como não está ninguém no 3º andar, vi o 2º, que tem, é claro, as mesmas divisões). Sempre resolvo a troca. É uma casa mais que boa, magnífica! Chega e sobra para minha mãe, irmãos, enfermeira e tia, e para mim também. (Mas aqui há outra coisa a dizer-te, que amanhã te direi.)

Adeus, amor; não te esqueças do snr. Crosse, não? Olha que ele é *muito nosso amigo* e pode ser— *nos* (a *nós*) muito útil.

Muitos beijinhos de todos os tamanhos do teu, sempre teu

*Fernando*

22/3/1920

22-3-1920

**Cartas de Amor.** Fernando Pessoa. (Organização, posfácio e notas de David Mourão Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz.) Lisboa: Ática, 1978 (3<sup>a</sup> ed. 1994): 6.